

ESCOLA E MUSEU: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

SCHOOL AND MUSEUM: A POSSIBLE RELATIONSHIP

ESCUELA Y MUSEO: UNA RELACIÓN POSIBLE

Ana Hauck¹
Etienne Henklein²

Resumo

O propósito deste trabalho é apresentar estudo sobre a relação de aprendizagem entre escola e museu. Os museus são equipamentos culturais cuja função primordial é preservar a memória e valorizar o patrimônio cultural material e imaterial. Entretanto, seu papel vai além, por ser também espaço de informação, pesquisa e educação, seja através de exposições temporárias ou permanentes, seja de ações educativas, atividades recreativas, palestras e cursos. O objetivo principal desta pesquisa é investigar as possibilidades de ensino e de aprendizagem entre os espaços escolar e museológico, por meio de estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, com referencial teórico disponível em meios digitais. Os resultados das investigações de autores como Maria Feio (2014), Silvia S. Alderoqui (1996) e Daniel Ovigli (2015), assim como visitas escolares a museus, contribuem para aquisição e consolidação de conhecimentos, promovem interdisciplinaridade e enriquecimento pessoal através de contemplação, reflexão e interpretação relativas à produção e criação artísticas, bem como valorização do patrimônio cultural.

Palavras-chave: educação; museu; patrimônio.

Abstract

This paper intends to present a study on the learning relationship between school and museum. Museums are cultural equipment whose primary function is to preserve the memory and value tangible and intangible cultural heritage. However, their role goes beyond this, as they are also a space for information, research and education, either through temporary or permanent exhibitions, or through educational, recreational activities, lectures and courses. This research main goal is to investigate the possibilities of teaching and learning between school and museum spaces, through a bibliographic study of qualitative approach, with theoretical reference available in digital media. The investigations results by authors such as Maria Feio (2014), Silvia S. Alderoqui (1996) and Daniel Ovigli (2015), as well as school visits to museums, contribute to the acquisition and consolidation of knowledge, promote interdisciplinarity and personal enrichment through contemplation, reflection and interpretation regarding artistic production and creation, as well as appreciation of cultural heritage.

Keywords: education; museum; cultural heritage.

Resumen

El propósito de este trabajo es presentar estudio sobre la relación de aprendizaje entre escuela y museo. Los museos son espacios culturales cuya función primordial es preservar la memoria y valorar el patrimonio cultural material e inmaterial. Sin embargo, su rol va más allá, por ser también lugar de información, investigación y educación, a través de exposiciones temporales o permanentes o por acciones educativas, actividades recreativas, charlas y cursos. El objetivo principal de este estudio es investigar las posibilidades de enseñanza y aprendizaje entre los espacios escolares y museológicos, por medio de estudio bibliográfico de orientación cualitativa, con referencias teóricas disponibles en medios digitales. Los resultados de investigaciones de autores como Maria Feio (2014), Silvia S. Alderoqui (1996) y Daniel Ovigli (2015) indican que visitas escolares a museos contribuyen para la adquisición y consolidación de conocimientos, promueven interdisciplinaridad y enriquecimiento personal a través

¹ Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais – Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: hauck.ana@gmail.com.

² Professor-Orientador no Centro Universitário Internacional – Uninter. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná. Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pelo Centro Universitário Internacional – Uninter. E-mail: etienne.h@uniter.com.

de la contemplación, reflexión e interpretación relativas a la producción y creación artísticas, así como valorización del patrimonio cultural.

Palabras-clave: educación; museo; patrimonio.

1 Introdução

Neste trabalho, aborda-se inicialmente a diferença entre educação formal e informal, suas implicações para o ensino-aprendizagem, bem como a ampliação das funções dos museus através das décadas, que vão além da identificação e conservação, tornam-se interdisciplinares.

Há mais de 60 anos os museus têm função educativa, e há pelo menos 50 anos as visitas estudantis a esses espaços rendem inúmeros estudos. Contudo, resiste a mentalidade segundo a qual apenas a escola é ambiente de educação formal.

Destacam-se neste trabalho pesquisas que refletem sobre a parceria entre museus e escolas, o ganho de aprendizagem dos alunos que visitam esses locais, bem como o valor educacional destes. Silvia Alderoqui (1996), Maria Feio (2014) e Daniel Ovigli (2015) estão entre os principais autores abordados neste artigo.

O referencial teórico trata da urgência de pensar na parceria museu-escola como parte essencial do processo de aprendizagem a partir do enfrentamento entre experiência e conhecimento. Assim, a pesquisa pretende responder como ocorre a relação entre escola e museu, ainda repleta de altos e baixos. Com o intuito de sugerir soluções, questionam-se os principais pontos de atrito nesta parceria, como a falta de planejamento por parte das escolas tanto relativa à contextualização durante a preparação à visita, quanto posteriormente a esta, momento em que se deveria correlacionar o conteúdo aprendido no museu com os da grade escolar. Além disso, outra contestação frequente diz respeito a falta de alinhamento entre o museu e a expectativa da escola ao fazer uma excursão, o que resulta em inúmeros problemas e queixas.

Revisões bibliográficas foram primordiais para uma pesquisa básica como esta, a partir de levantamento de referencial teórico nacional e internacional disponível em meios digitais. Recorreu-se a uma abordagem qualitativa para enfatizar aspectos subjetivos relacionados à compreensão e análise das possibilidades envolvidas no processo de ensino e aprendizagem através da educação não formal, com intuito de refletir sobre a contribuição desta à educação formal. O tratamento metodológico dos documentos observado neste artigo remonta à função educacional e social do museu.

2 O Museu e a Escola

A educação formal é a praticada na escola. Logo, considera-se não formal, ou informal, a que ocorre fora do sistema escolar. Embora organizado, o processo da aprendizagem informal não avalia formalmente o aluno e não depende de matriz curricular preestabelecida.

A educação não formal tem como objetivo resgatar de forma efetiva, valores essenciais para a formação de cidadãos protagonistas de sua própria vida, trazendo para eles a prática da cidadania, apreensão social, profissionalização, reforço escolar, dimensão sociocultural, entre outros. O profissional da educação que trabalha espaços não formais deve estar ciente da importância de proporcionar conhecimentos que levem a população a uma melhoria em sua qualidade de vida e autoestima, capacitando-os para sua atuação nos mais diversos espaços na sociedade. (TOZETTO; ROMANIW; MORAIS, 2011, p. 5).

Portanto, os museus são espaços onde é possível ocorrer a educação não formal, porquanto há educadores nesses lugares.

Segundo Maria Feio (2014), a partir da década de 1960 o museu começou a ser ambiente de contato direto com a obra museológica e de aprendizagem. A ideia tradicional de museu como local de preservação do patrimônio cultural e de memórias frequentado principalmente por especialistas cedeu espaço a um de lugar que acompanha mudanças da sociedade. Feio (2014) destaca três funções dos museus ao longo do século XX:

1. Na década de 1920, o museu tinha a função de amparar o patrimônio cultural e consolidar o estatuto profissional de conservador;
2. Surge o reconhecimento da atuação do museu com características variadas e peculiares;
3. A partir da década de 1980, destaca-se o papel educativo dos museus.

São marcos da abordagem educativa e interdisciplinar dos museus o Seminário Regional da Unesco, em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, cujo intuito foi discutir a função educativa dos museus —, e a Declaração de Québec, de 1984, que fundamentou a nova museologia, de modo que suas funções, isto é, identificação, conservação e educação, ampliaram-se. Em 1992, a Declaração de Caracas, cujo objetivo foi o de fazer um balanço da situação dos museus na América Latina, reiterou o museu como instrumento de diálogo entre os elementos do triângulo *território, patrimônio e sociedade* (OLIVEIRA, 2013).

Segundo Falk e Dierking (2010), na publicação *The 95 Percent Solution — School is not where most Americans learn most of their Science* (“A Solução dos 95% — A escola não é onde a maioria dos americanos aprende a maior parte de sua ciência”), em média, uma pessoa nascida nos Estados Unidos gasta apenas 5% da vida em sala de aula. Os autores sugerem que

a melhor maneira de aumentar a compreensão pública é alcançar as pessoas durante os 95% de sua vida, ou seja, com programas de educação não formal e visitas a espaços como os museus. Segundo a pesquisa desses autores, nos Estados Unidos ainda é predominante a ideia de que a escola é o único local onde (e quando) crianças aprendem. Importa salientar que o intuito do trabalho foi despertar interesse e atenção em relação ao fato de que o que acontece nos 95% pode ser tão relevante quanto nos 5%, faixa correspondente à educação formal, segundo Falk e Dierking (2010).

A comunidade escolar é uma das mais assíduas visitantes de museus ao redor do mundo. No Brasil, por meio de iniciativas escolares, crianças e adolescentes visitam esses locais, onde refletem sobre suas práticas estudantis, cidadãos, e são questionados, motivados e desafiados. Os museus podem complementar o processo educativo, e os estudos a respeito do valor intrínseco das visitas escolares a museus de ciências indicam que os discentes apresentam ganho cognitivo evidente comparados aos que não participam dessas visitas (GRIFFIN, 2004).

Há mais de 50 anos as viagens escolares a museus são pesquisadas. Três aspectos-chave dominaram a pesquisa no início da década de 1990: o valor educacional geral das viagens, o impacto da preparação para viagens de campo e os primeiros estudos sobre a complexidade de elementos que influenciaram a aprendizagem dos alunos (GRIFFIN, 2004).

Segundo Stronck (1983), vários estudos se contradizem quanto ao valor das viagens de campo e das visitas a museus para melhorar o aprendizado e as atitudes. O estudo de Stronck (1983) envolveu 816 alunos em 31 visitas à Galeria de História Natural do Museu Provincial da Colúmbia Britânica em Victoria, e concluiu que os alunos das 5ª, 6ª e 7ª séries tiveram aprendizagem cognitiva significativamente maior quando participaram de passeio mais estruturado, ou seja, conduzido por um docente de museu. Os alunos desenvolveram atitudes significativamente mais positivas, mais motivadas, quando participaram do passeio menos estruturado, guiado apenas pelo professor da turma.

A vantagem pedagógica dos museus é o contato direto dos alunos com as coleções, que pode contribuir para facilitação da aprendizagem, assim como a apreciação das obras desenvolve a sensibilidade estética (FEIO, 2014). Além disso, Ovigli (2015) diz que diversas pesquisas publicadas nas últimas décadas demonstram que ações fora da escola contribuem não somente para aprendizagem do educando, mas também à ampliação das possibilidades de trabalho do professor. Funch (1997, p. 38) corroboram o benefício de uma visita orientada ao museu ao afirmar que “[...] uma visita escolar ao museu já não é considerada como uma saída puramente recreativa ou de lazer, é sim um elemento essencial para a educação artística”.

A partir dos resultados e das pesquisas citadas anteriormente, percebe-se a necessidade de pensar a parceria museu-escola de modo que os espaços de educação não formal desempenhem importante papel no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Ademais, a educação formal pode reconhecer as ações dos espaços de educação não formal ao divulgá-los à sociedade (OVIGLI, 2015).

Apesar de possível, a relação entre museu e escola não é nada fácil. Alderoqui (1996) menciona queixas vindas tanto dos museus quanto dos professores. Estes reclamam que os museus apresentam tudo de uma só vez, que em todas as visitas exibem o mesmo conteúdo, bem como que não existe liberdade para os alunos anotarem ou desenharem, e, em alguns casos, os estudantes são vistos como “intrusos perigosos”. Além disso, os professores costumam reclamar que geralmente não recebem sugestões para trabalhar, em sala de aula, a experiência de visitar o museu. Portanto, a visita corre o risco de perder um sentido transcendental e se transformar em apenas mais uma excursão esquecível.

Os representantes dos museus costumam se queixar que os alunos não os visitam com interesse. Dizem que as escolas atêm-se a uma sala, ou um tema, e alteram toda a organização do evento museológico. Ademais, reclamam constantemente que os professores a frente das excursões não cuidam dos alunos, e as escolas simplesmente não avisam quando não comparecerão à visita agendada.

Assim como Alderoqui (1996), Ovigli (2015) diz que parceria entre a educação formal e a não formal é delicada. Por vezes, os professores sentem-se excluídos em relação à concepção das atividades ofertadas nos museus. Além disso, acreditam que a linguagem empregada nas visitas nem sempre é adequada, ignorando o nível de informação do público a quem se dirigem. Entretanto, os museus observam que os professores frequentemente não preparam estratégias eficientes para antes, durante e depois das visitas, além de não orientarem sobre o propósito da excursão e deixarem seus alunos sem direcionamento durante toda a visitação. Muitos professores não se esforçam para correlacionar o aprendizado adquirido na excursão com o conteúdo ensinado na escola.

Daniel Ovigli (2015) diz que a relação museu-escola envolve diversos fatores, tais como:

- Organizacionais: deslocamento, delineamento da visita para os alunos e eleição das atividades;
- Pessoais: assentimento dos pais para a visita e disponibilidade de um professor acompanhante;
- Institucionais: agendamento, disponibilidade, espaço físico e agenda escolar.

Diante das situações apresentadas, como transmitir os conhecimentos sobre as coleções disponíveis no museu para os alunos que os visitam? Como capturar a atenção dos alunos e despertar seu interesse? Como repassar aos alunos informações complexas de forma compreensível e enriquecedora? Como despertar nos estudantes o desejo de aprofundar o conhecimento? (ALDEROQUI, 1996).

3 Conclusão

As visitas escolares aos museus contribuem para aquisição e consolidação de conhecimentos, bem como com a interdisciplinaridade e o enriquecimento pessoal a partir da contemplação, da reflexão, da interpretação, da produção e criação artísticas, além da valorização do patrimônio (FEIO, 2014). Em um espaço não formal como um museu, e com um trabalho conjunto entre os educadores envolvidos, percebe-se ser possível a aprendizagem significativa. É imprescindível pensar ações que efetivem a parceria entre educação formal e não formal. Pois, além de ampliar as possibilidades e estratégias didáticas do professor, promovem grandes benefícios ao processo de aprendizagem.

A colaboração entre museu e escola tem valor também inclusivo. Segundo pesquisa desenvolvida pela *Harvard Family Research Project* (“Projeto de pesquisa da família de Harvard”), em 2007, crianças economicamente desfavorecidas são menos propensas a ter oportunidades de visitar museus e galerias. Tal desigualdade prejudica substancialmente sua aprendizagem. Felizmente, há um crescimento de projetos para jovens e famílias de comunidades carentes se envolverem em atividades extracurriculares. Conforme a *Harvard Family Research Project*, programas antes e depois da escola aumentam, inclusive, a renda familiar, principalmente entre jovens de baixa renda.

Para evitar a perda do sentido pedagógico da excursão é importante que as escolas planejem cuidadosamente o evento nesse aspecto. Ou seja, além do agendamento, devem preparar intelectualmente seus alunos, contextualizar o acontecimento, bem como orientar-lhes sobre os propósitos didáticos que se estendem, sobretudo, ao pós-visita, correlacionados aos conteúdos curriculares. Os museus, de sua parte, precisam conhecer as expectativas das escolas que os visitam.

Isto posto, não basta reservar data no calendário para excursionar em um museu. Deve haver também preocupação em orientar os alunos com antecedência, além dos preparativos a respeito da condução da visita para posterior aprofundamento e correlação do aprendizado

durante a excursão com o conteúdo da grade escolar, de modo que se relacionem produção artística, apreciação estética e informação histórica.

Entretanto, por vezes, tais visitas são mero passeio, momentos de descontração sem relevância didático-pedagógica.

Referências

ALDEROQUI, Silvia (org.). Museos y escuelas: socios para educar. *In*: ALDEROQUI, Silvia. **Museo y Escuela: una Sociedad posible** (entre prólogo y artículo). Buenos Aires: Paidós, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2798879/mod_resource/content/1/alderoqui.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn. The 95 Percent Solution: School Is Not Where Most Americans Learn Most of Their Science. **American Scientist: the magazine of Sigma Xi**, v. 98, p. 485-493, 2010. Disponível em: <https://www.informalscience.org/sites/default/files/FalkandDierking95perc.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

FEIO, Maria. **Relação entre escola e museus: olhar crítico sobre o concurso “A minha escola adopta um museu...”**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) — Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15730/2/ULFBA_TES%20766.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

FUNCH, B. S. L'èducation artistique et le partenariat entre l'école et le musée. **In Museum Internacional**, Paris, v. 194, n. 49, p. 38-42, 1997.

GRIFFIN, Janette. Research on students and museums: looking more closely at students in school groups. **Science Education**, [S.l.], v. 88, suplemento 1, p. S59-S70, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/sce.20018>. Acesso em: 21 fev. 2022.

HARVARD FAMILY RESEARCH PROJECT. **Findings from HFRP's study of predictors of participation in out-of-school time activities**: Fact sheet. Cambridge: Harvard Graduate School of Education, 2007. Disponível em: <https://archive.globalfrp.org/out-of-school-time/publications-resources/findings-from-hfrp-s-study-of-predictors-of-participation-in-out-of-school-time-activities-fact-sheet>. Acesso em: 21 fev. 2022.

OLIVEIRA, Genoveva. O museu como um instrumento de reflexão social. **Midias**, Lisboa, n. 2, p. 1-15, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.222>

OVIGLI, Daniel. Pós-Graduação e pesquisa em educação: a relação museu-escola em dissertações e teses. *In*: X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC), 10., Águas de Lindóia, 2015. **Anais...** Águas de Lindóia: ABRAPEC, 24 a 27 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R1876-1.PDF>. Acesso em: 21 fev. 2022.

STRONCK, D. R. The comparative effects of different museum tours on children's attitudes and learning. **Journal of Research in Science Teaching**, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 283–290, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1002/tea.3660200403>

TOZETTO, Susana S.; ROMANIW, Giseli; MORAIS, Juliane. O trabalho do pedagogo nos espaços educativos não formais. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, v. 1, n. 25, 2011. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/o-trabalho-do-pedagogo-nos-espacos-educativos-nao-formais>. Acesso em: 21 fev. 2022.